



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

POR UMA EDUCAÇÃO PELA ERRÂNCIA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS NO MUSEU

Autora: Carolina Goulart Kneipp

Orientador: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Que atravessamentos são possíveis entre a educação e a experiência errante?

Que práticas educativas em espaços de educação não-formal podem surgir inspiradas pelo exercício da errância?



Oficina 'Vendo de olhos fechados' idealizada e conduzida pela autora na Fundação Iberê Camargo em 2018.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Tomando como base o entendimento de mediação cultural como processo criativo, equiparado ao processo de criação da arte (HOFF, 2013) imbuído de um grande caráter pedagógico, tenho compreendido, em diálogo com Deligny (2015), o papel de educadores em instituições culturais como **criadores de circunstâncias**.



Retratos tirados durante mediações na Fundação Iberê Camargo.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos, 2015.
HOFF, Mônica. Mediação (da arte) e curadoria (educativa) na Bienal do Mercosul, ou a arte onde ela "aparentemente" não está. In: Revista Trama indisciplinar, São Paulo, v. 4, n. 1, 2013, p. 69-87.
JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.
KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: Psicologia em estudo, Maringá, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001, p. 17-27.

Considerando a errância como um tipo de experiência não planejada ou desviatória dos espaços, como usos conflituosos e dissensuais que contrariam ou profanam (AGAMBEN, 2007) os objetivos aos quais foram planejados, o presente estudo, que surge como desdobramento em nível de Iniciação Científica da pesquisa Docência e criação em artes visuais: povoamentos entre visualidades, leituras e escritas (KNEIPP; MOSSI, 2019), trata-se de um olhar para a minha vivência em mediação cultural na Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre/RS para, a partir de proposições pedagógicas realizadas no âmbito dessa instituição cultural, pensar a apropriação de três características mais recorrentes na narrativa errante para o campo da educação: as propriedades de se perder, da lentidão e da corporeidade (JACQUES, 2012).

Sob um viés metodológico, a pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica voltada para os usos históricos do conceito de errância e sua posterior apropriação e incorporação na minha atuação educacional na fundação - em alguns momentos analisando ações educativas passadas sob a ótica das narrativas errantes e em outros produzindo novas proposições inspiradas por essa prática. Contudo, o desenvolvimento deste estudo, dada sua natureza teórico-epistemológica, não prevê a cisão entre campo teórico e campo prático/metodológico. Desse modo, tenho compreendido a errância também como um possível caminho metodológico para a investigação e para pensar a educação de forma mais ampla, em cruzamento com a arte, principalmente no que condiz à possibilidade de operar com esse conceito para superar o que, segundo Deligny (2015), seria a limitação do projeto pensado dos conhecimentos específicos.

Tendo em vista que a experiência errática, pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano em busca de uma condição de estranhamento (JACQUES, 2012), o que proponho neste estudo é explorar a potência dessa prática no campo da educação por meio do relato e análise de proposições por mim conduzidas na fundação Iberê. Tais práticas se caracterizam por privilegiar a desorientação (quando a mediação não é conduzida pelo mediador, mas o público é estimulado a construir o trajeto, por exemplo), a lentidão (no modo como a experiência de visita na fundação pode ser movida pela busca de outras referências espaço-temporais, incentivada por meio de convites à atenção) e a corporeidade (que está ligada à provocação de outros sentidos, para além da visão, possibilitando outra percepção sensorial do espaço museal e da própria arte) como fatores essenciais para criar circunstâncias e novas situações inventivas de possíveis aprendizagens (KASTRUP, 2016).